**22º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

S. Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja; Beato João Baptista Faubel Cano e Arturo Ros Montalt, Pais de Família, Mártires

Sir 3,19-21.30-31; Sal 67; Heb 12,18-19.22-24a; Lc 14,1.7-14

*Na vossa bondade, Senhor, preparastes uma casa para o pobre.*

**COMENTÁRIO**

*Os convites da Sabedoria para a vida (Instruções para a vida)*

Ouvimos hoje um episódio evangélico muito particular. Mais uma vez em sua viagem final a Jerusalém, encontramos Jesus ensinando a ter comportamentos sábios. Isto acontecia em uma circunstância muito peculiar: durante o almoço “em casa de um dos chefes dos fariseus”. Trata-se, portanto, de um conselho de “mesa” com o qual o Mestre de Nazaré propõe uma espécie de “etiqueta” divina sobre o comportamento nos banquetes. Tal etiqueta, em última análise, reflete as duas atitudes de humildade e generosidade/gratuidade que são fundamentais, até mesmo indispensáveis, para entrar no Reino no tempo messiânico, e em geral, na vida diante de Deus e dos homens. Portanto, é necessária uma reflexão cuidadosa e profunda a este respeito, começando com um olhar mais atento sobre a ocasião na qual Jesus ensinava.

*1. A importância do contexto do ensinamento*

Alguns detalhes curiosos e ao mesmo tempo importantes do contexto do ensinamento de Jesus devem ser enfatizados. Em primeiro lugar, este acontece durante um almoço de sábado, portanto num almoço “festivo”, solene, “em casa de um dos chefes dos fariseus”. A qualificação do anfitrião como “um dos chefes dos fariseus” indica o caráter ainda mais solene do banquete, que muito provavelmente também teve muitos convidados fariseus e até Doutores da Lei (cf. Lc 14,3) (eles realmente podiam “escolher” os vários lugares disponíveis!). Esta não é a única vez que Jesus vai à casa dos fariseus. Entretanto, o que é singular neste caso é precisamente a solenidade da ocasião e o “público” coexistente. Assim, o ensino de Jesus adquire, mais tarde, um significado tanto particular quanto universal.

Uma nota curiosa, provavelmente irônica, do evangelista Lucas também deve ser considerada: Jesus, que inicialmente foi “observado” pelos convidados (“eles estavam a observá-lo”), na verdade se torna aquele que os observa, notando “como eles escolhiam os primeiros lugares”! Os olhos de Jesus são como os de Deus que, em sua sabedoria, espreitam do alto e veem todos os movimentos dos homens com as intenções de seus corações (cf., por exemplo, Sl 139[138]:1-3). Assim, Jesus, o “observador divino”, ensina os caminhos da sabedoria de Deus justamente com base nas situações concretas da vida humana, precisamente à maneira dos sábios de Israel ao longo dos séculos, sob a ação do Espírito divino.

*2. Por uma humildade sábia (A sabedoria na humildade)*

De fato, o primeiro ensinamento de Jesus nesta ocasião, em estilo e conteúdo, segue o raciocínio sábio de um sabor requintadamente “judeu” em sua vivacidade e concretude. Paralelamente, notamos que o conselho de Jesus foi muito bem sucedido entre seus seguidores que literalmente o colocaram em prática ao longo dos séculos. Ainda hoje, então, muitos cristãos vêm ao banquete eucarístico na igreja e se colocam de boa vontade atrás, nos últimos lugares e às vezes até de pé, sempre deixando os primeiros bancos vazios!

Brincadeiras à parte, o que Jesus recomenda não é apenas um conselho de humildade como uma virtude em si, mas um comportamento humilde para evitar sabiamente uma eventual perda de prestígio, querendo assegurar uma possível honra. Ela reflete concreta e curiosamente a recomendação da tradição sapiencial do Antigo Testamento em Provérbios 25,6-7: *Não te glories na presença do rei, nem te ponhas no lugar dos grandes; Porque melhor é que te digam: Sobe aqui; do que seres humilhado diante do príncipe que os teus olhos já viram*. Da mesma forma, é enfatizado no mesmo livro: *O temor do SENHOR é a instrução da sabedoria, e precedendo a honra vai a humildade* (Pr 15,33). O sabedoria do Eclesiástico, que escutamos na primeira leitura, desenvolve a mesma tradição sapiencial, insistindo na necessidade de ser sempre humilde, especialmente quando “importante fores”, pois assim “encontrarás graça diante do Senhor”.

As duas últimas citações oferecem uma clara orientação teológica e teocêntrica de “tornar-se humilde”: é Deus quem finalmente exaltará, glorificará os humildes. Esta é também a perspectiva do provérbio de Jesus que conclui seu ensinamento a este respeito: “Todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado”. Com efeito, encontramos aqui a construção gramatical da passividade teológica ou divina com Deus como agente implícito: ele será exaltado por Deus, de acordo com toda a tradição judaico-cristã no AT e NT (cf., por exemplo, Ez 21,26; especialmente Lc 1,52: “[Deus] derrubou os poderosos dos tronos, e exaltou os humildes”).

*3. Por uma generosidade sábia e messiânica*

Após o conselho aos convidados, Jesus oferece outro “a quem o tinha convidado”, quase como um complemento. Este segundo e último ensinamento do bloco é ainda mais explicitamente “teológico” tanto em linguagem quanto em conteúdo, pois é orientado para a recompensa no final dos tempos, “na ressurreição dos justos”, ou seja, com e em Deus. A perspectiva da recompensa final de Deus é semelhante à que deriva da recomendação de Jesus sobre como rezar, fazer jejum e dar esmola para uma nova retidão/justiça (cf. Mt 6,1-6.16-18). Aqui, o ato generoso, mas sábio, de convidar para o banquete aqueles que não têm nada a retribuir é recomendado, e assim Deus os abençoará e recompensará. Em alguns aspectos, reflete a convicção já expressa pelo salmista que proclama: “Feliz daquele que está atento ao pobre; no dia da desgraça, o Senhor o salvará” (Sl 41,2).

No entanto, há algo mais profundo nas palavras de Jesus do que uma simples recomendação de generosidade humana. De fato, os “pobres, aleijados, coxos e cegos” a serem convidados para o banquete são na verdade as quatro categorias de pessoas que são os destinatários privilegiados da Boa Nova da salvação divina no tempo messiânico. Eles, os últimos da sociedade, serão os convidados para o banquete messiânico final que Deus oferecerá. Por esta razão, Jesus realiza suas atividades entre eles. Sua missão, e mais tarde a de seus discípulos, é reservada particularmente e principalmente para os menos considerados, os marginalizados, os mais necessitados e esquecidos. Quem os convida para almoçar ou jantar, compartilha a visão sapiencial de Cristo, “amigo” deles, e participa, simbolicamente, do cumprimento da missão de Deus em Jesus Cristo. Portanto, a generosidade para com os “pobres, aleijados, coxos e cegos” também será “messiânica”, porque reflete a de Cristo, o messias de Deus. E para ter tal generosidade, talvez seja necessário muita humildade e sabedoria que vem de alto.

Rezemos, pois, para que Deus também nos conceda hoje a sabedoria que vem do alto, que é Jesus Cristo, Seu Filho, para que saibamos apreciar o ensinamento evangélico de hoje. Que nos tornemos humildes em todas as situações da vida e generosos como Ele diante dos tantos “pobres, aleijados, coxos e cegos” de nosso tempo, a fim de continuar Sua missão, convidando a todos a participar do banquete no Reino de Deus. Amém

*Citações úteis:*

**PAPA FRANCISCO, *ANGELUS*, *Praça S. Pedro, 1º de setembro de 2019***

Na segunda parábola, Jesus dirige-se *a quem convida* e, referindo-se ao modo de selecionar os convidados, diz-lhe: «Quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos; e serás abençoado porque eles não têm possibilidade de retribuir» (vv. 13-14). Também aqui, Jesus vai completamente contra a maré, manifestando como sempre a lógica de Deus Pai. E também acrescenta a chave para interpretar este seu discurso. E qual é a chave? Uma promessa: se fizeres assim, «receberás a tua recompensa com a ressurreição dos justos» (v. 14). Isto significa que aqueles que se comportarem desta maneira terão a recompensa divina, muito mais superior do que a recompensa humana: faço-te este favor esperando que tu me faças outro. Não, este não é um cristão. A generosidade humilde é cristã. O intercâmbio humano, de facto, falsifica as relações, torna-as “comerciais”, introduzindo o interesse pessoal numa relação que deve ser generosa e gratuita. Pelo contrário, Jesus convida-nos à generosidade abnegada, a abrir o caminho para uma alegria muito maior: alegria de fazer parte do próprio amor de Deus que nos espera, a todos nós, no banquete celestial.

Que a Virgem Maria, «humilde e elevada mais que uma criatura» (Dante, *Paraíso*, XXXIII, 2), nos ajude a reconhecer-nos como somos, isto é, pequenos; e a alegrar-nos em dar sem nada esperar em troca.